



GT 48. Família, gênero e sexualidades: cultura, conflito e transformação política

Coordenador(es):

Marcelo Tavares Nactivity (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Leandro de Oliveira (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Este GT tematiza relações familiares entre pessoas LGBT, contemplando conexões com a “família de origem” e a formação de novas famílias, incluindo marcadores como geração, classe, soropositividade, gênero, origem, raça e religião. Contemplando temas como o casamento igualitário, conjugalidades e parentalidades, o GT coloca em foco nexos entre convenções culturais, ações de movimentos sociais, micropolíticas do cotidiano, discursos emocionais, interações e relações de poder em contextos plurais, de modo a discutir reconfigurações do público e do privado. Serão acolhidos estudos que abordem discursos sobre casamento igualitário; formas de regulação do gênero e da sexualidade de pessoas LGBT na esfera familiar; tensões e negociações nos grupos domésticos; formas de ajuda mútua, cuidado e manutenção de laços no cotidiano da casa ou em redes de casas; construções da “aceitação” na sociedade e na família; relações entre famílias de origem e parceiros/ companheiros de pessoas LGBT; família e gerações; família, religião e sexualidades; transformações nos significados culturais associados à noção de “família”; os usos da noção de “família” como arma política na esfera pública e na arena política; família e controvérsias sobre “ideologia de gênero”; enlances entre direitos sexuais, questões LGBT, e laicidade do Estado. O GT abarcará ainda os temas da homofobia e transfobia, incluindo situações que articulam preconceito sexual, estigma e afetos no âmbito das relações familiares.

Qual o lugar de parentalidades negras no estudo sobre famílias LGBT?

Autoria: Daniela Guedes dos Santos (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este pôster é um dos desdobramentos das investigações do projeto de pesquisa sobre a Família Stronger, coletivo LGBTQIA+ da periferia de São Paulo, coordenado pelo Prof. Vitor Grunvald (UFRGS), no qual participo, como pesquisadora de Iniciação Científica, pensando possíveis relações entre parentalidades negras e LGBTQIA+. Com foco nas maneiras como são rearticuladas noções de família em conjunção com marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, raça e geração, pretende-se mostrar como o campo de estudos sobre família e parentesco, importante área temática da antropologia, possui um viés claramente marcado pela branquitude. Depois de um período de baixa produção, a partir dos anos 1990, os estudos sobre família e parentesco retomam seu lugar de centralidade na disciplina para pensar novos modos de comportamento familiar, especialmente a partir de transformações advindas com as novas tecnologias reprodutivas, o aumento de divórcios, novas formas de conjugalidade, etc. Ancorada em textos programáticos que versam sobre o estado da arte da produção antropológica acerca da família, busco compreender como a maior parte das produções confina às margens questões específicas que concernem o modo de operacionalização das parentalidades negras. Dessa maneira, o pôster, de cunho bibliográfico, se propõe produzir uma reflexão sobre o viés marcado pela branquitude que paira sobre o campo, colocando em evidência alguns elementos e práticas de fazer família cuja história se entrelaça com práticas e experiências das comunidades negras que diferem, substancialmente, do modelo normativo de família nuclear ocidental, agora percebida também como branca. Por fim, busco pensar se poderíamos postular alguma aproximação entre as desarticulações da forma familiar produzidas a partir de experiências LGBTQIA+ e àquelas produzidas no âmbito das parentalidades negras que, diferentemente das primeiras, é fruto de arranjos seculares relacionados tanto a cosmologias africanas quanto a processos surgidos no bojo de violências



geradas pela escravidão e pelo racismo estrutural.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: